

A POESIA DE HERMES FONTES E O CONSTANTE USO DA MELANCOLIA EM SUA OBRA

FONTES, Silvana Andrade.
Silfontes03@yahoo.com.br

SANTOS, Clodoaldo Messias. (Orientador)
Graduado em Letras –Português/Inglês, Especialista em Metodologia do
Ensino de Língua Portuguesa, Prof. Do Curso de Letras –
Português da Universidade Tiradentes – UNIT.
aldomessias@hotmail.com

RESUMO

As reflexões deste artigo centram-se na análise da importância da Poesia de Hermes Fontes e o constante uso da melancolia em sua obra. Hermes Fontes é natural de Boquim-Sergipe e pode ser considerado um dos maiores poetas de sua época, fez grande sucesso em sua terra natal por possuir uma rara inteligência e uma memória prodigiosa. Com a ajuda do ex-governador da província Martinho Garcez é levado para o Rio de Janeiro quando tinha nove anos de idade, com o intuito de aprofundar seus conhecimentos.

Amparado pelo seu protetor, fez curso de direito, mas se dedicou a carreira burocrática, classificando-se em primeiro lugar em concursos a que se submeteu para os Correios e Telégrafos. E ainda adolescente Hermes Fontes consegue conquistar a admiração de poetas consagrados. A publicação de suas primeiras obras trouxe-lhe imediata consagração e Hermes Fontes transforma-se em celebridade nacional.

Seu drama conjugal e algumas desilusões de ordem política e particular levaram-no a utilizar a melancolia como característica principal de sua obra poética. Foi um simbolista notando-se, entretanto que em sua poesia não deixou também de ser um romântico e um parnasiano. Hermes Fontes tinha grande domínio da palavra poética e seus versos são ricos de beleza. Matou-se com um tiro na cabeça, na época do Natal de 1930, no Rio de Janeiro. Hoje é um poeta quase esquecido, injustamente.

A POESIA DE HERMES FONTES E O CONSTANTE USO DA MELANCOLIA EM SUA OBRA

Hermes Fontes nasceu em Boquim - Sergipe, em 28 de agosto de 1888. Reconhecido por sua rara inteligência e memória prodigiosa, muda-se para Aracaju com o objetivo de ampliar seus conhecimentos. Aos dez anos de idade é levado para o Rio de Janeiro, quando inicia sua carreira poética.

Estréia em 1908, com o livro Apoteoses, o primeiro dos seus dez livros, sendo todos eles poéticos. Mas apenas alguns desses podem ser reconhecidos com grande valor literário, os seguintes: Apoteoses, Gênese, Miragem do Deserto, Epopéia da Vida, A Lâmpada Velada e Fonte da Mata. O poeta sergipano publicou ainda em jornais - Juízos Efêmeros - uma coletânea de crônicas, artigos políticos e literários.

Torna-se celebridade nacional e é reconhecido como gênio poético da nova geração. Mas apesar de todo seu reconhecimento nacional, era um homem infeliz e introvertido.

Não obteve sucesso em seu sonho de entrar para Academia Brasileira de Letras, para a qual concorreu cinco vezes. Alguns imortais diziam que seu físico era impróprio para um acadêmico: pequeno, cabeça grande demais, meio surdo e gago, além de extremamente feio. Mas elege-se para Academia Sergipana de Letras.

A obra poética de Hermes Fontes marcou decisivamente a poesia brasileira nas primeiras décadas do século XX e exerceu enorme influência sobre muitos bons poetas de sua geração, além de contribuir com algumas novidades literárias como: arrojo formal, belos sonetos, verso heterométrico que em suas obras, se aproxima do verso livre modernista.

Hermes Fontes prioriza em sua obra o aspecto melancólico, que é visivelmente percebido em quase todas suas poesias que invocam a morte e a iguala à vida, pois para Hermes a vida não é avaliada como uma felicidade, mas apenas uma espera do fim.

Esse aspecto temático de melancolia é percebido como uma identidade deste autor e é uma de suas características literária mais marcante. Esse constante tom melancólico em sua obra, nada mais é que uma consequência de gradativas decepções ocorridas em sua infância, adolescência e enquanto adulto. Sendo assim, o enfoque dado na pesquisa foi direcionado ao seguinte problema: de que maneira a vida pessoal e emocional de Hermes Fontes influenciou o constante uso da melancolia em sua obra poética?

O poeta pode ser considerado um permanente desajustado à vida e decide concretizar as previsões e agouros que espalhou por suas obras e suicida-se com um tiro na cabeça em 26 de dezembro de 1930.

Hermes Fontes era considerado um menino precoce, pois seus primeiros versos surgiram quando tinha quatorze anos de idade. Ele se mantia inconformado com a orfandade e com sua infância malograda e interrompida. Aos poucos esses sentimentos negativos em sua vida pessoal foi influenciando sua obra, de tal maneira que futuramente foi classificada como uma obra triste, lânguida e melancólica. Mas é preciso ressaltar que não é apenas dessa maneira que a obra de Hermes Fontes pode ser considerada.

São várias as contribuições culturais, em torno da literatura, que Hermes Fontes proporcionou aos poetas brasileiros e principalmente sergipanos; mas em oposição a isso, são poucos os cidadãos sergipanos que conhecem sua obra e reconhecem seu valor enquanto poeta.

Por muito tempo a obra de Hermes sofreu injustificado esquecimento, só rompido na década de 60 pela publicação do livro: “Hermes Fontes: Vida e Obra”, do intelectual alagoano Povina Cavalcanti, e a que se seguiram alguns artigos de outros críticos na imprensa carioca.

Faz-se urgente e necessária uma revisão crítica da sua obra que lhe faça justiça e a coloque na posição de destaque que merece no cenário literário brasileiro.

Hermes foi autor de poesias, sonetos, artigos políticos e literários, escreveu algumas músicas, hinos, paródias, elaborou caricaturas, foi inovador em algumas características da poesia. Politicamente defendeu os ideais revolucionários de justiça e igualdade, revelou-se um seguidor do anarquismo.

Hermes sempre se mostrava revoltado com as desigualdades e injustiças sociais e para exprimir a sua condenação diante desses problemas, escreveu várias poesias sociais, mas não obteve grande êxito, pois sempre soube fazer melhor, poesias que falassem de amor, de dor e da desesperança pela vida.

Quase ao fim de sua obra poética ele escreveu o livro *Despertar*, trata-se de um poema patriótico, onde ele revela toda sua gratidão pelos seus conterrâneos e culpa a elite e os políticos sergipanos de limitarem seu reconhecimento literário em Sergipe, fato que muito influenciou para a profunda desilusão e tristeza do autor. Esta obra é vista como um desabafo de sua dor e ao mesmo tempo uma homenagem a sua terra natal.

Inúmeras foram às descrições de Hermes feitas por críticos reconhecidos nacionalmente, exemplo destas é o comentário de Olavo Bilac onde ele diz que, Hermes Fontes era um moço, quase um menino cuja obra era uma revelação de força lírica. Força brilhante que se revela no calor da inspiração, na beleza dos versos, riqueza dos vocábulos e das rimas e até nos exageros de idéia e de forma.

Com o objetivo de obter amplo conhecimento sobre o autor Hermes Fontes e recolher o máximo de informações possíveis foram realizadas pesquisas divididas em etapas, onde inicialmente utilizou-se a pesquisa exploratória com o intuito de criar maior familiaridade com o tema pesquisado e encontrar novas fontes de informação sobre o assunto.

Também foi realizada pesquisa descritiva, que colaborou para caracterizar o autor estudado e responder aos problemas criados em relação a ele.

Em um segundo momento foram feitas pesquisas bibliográficas e documentais com bases em monografias, relatórios de seminários, publicações periódicas, livros, documentos de arquivos públicos e arquivos particulares, cartas, autobiografias, internet etc., com o objetivo de obter informações.

Nessa pesquisa bibliográfica e documental foi feita uma análise crítica para selecionar autores e obras que apresentassem informações mais objetivas possíveis, desse modo não foi dada nenhuma ênfase a opiniões subjetivas sobre o tema.

A pesquisa foi feita em uma abordagem qualitativa e delineada a partir do método histórico, buscando verificar todas as influências e contribuições proporcionadas pelo poeta Hermes Fontes para a sociedade e mais especificamente para a literatura brasileira.

Também foi usado como ponto de partida desse estudo, a realização de entrevistas a estudiosos da obra e da vida de Hermes Fontes, proporcionando assim um aspecto vivo à pesquisa.

Eis como se explica o caso Hermes Fontes na poesia brasileira, no começo do século, quando a vida literária policiava a cadência do verso parnasiano, apenas perturbada pelo trauma simbolista, de efeitos tão singulares e belos. O aparecimento do poeta deu a sensação de uma mensagem diferente. Em poesia ser diferente é tudo.

Ele estréia em 1908, com o livro *Apoteoses*, quando tinha apenas 19 anos. A obra obteve imediata repercussão na imprensa e nos meios culturais do Rio de Janeiro, então capital do país, e o projetou nacionalmente.

O livro se revela produto de engenhosa arquitetura, o que era novidade para a época. Compõe-se das seguintes partes: *Apoteose da noite*, *Apoteose da vida*, *Lendas*, *Visões*, *Apoteose do céu*, *Apoteose do amor*.

Apesar de ser um livro irregular, essa obra permanecerá como uma das obras mais importantes de toda a literatura brasileira do começo do século XX, pelas novidades formais que apresentou, pela perfeição e beleza de muitos dos seus sonetos e pela influência que passará a exercer sobre muitos dos poetas que surgiram naquele período.

A revelação da poesia em Hermes Fontes foi um acontecimento precoce. Os versos das Apoteoses foram escritos entre os quatorze e os dezoito anos. A filosofia apontada nos seus cantos é, pois, ainda poesia, intuição, transubstanciação. Poesia sem comando, escapando da alma, poesias que é a voz de antecipações e de advertências, nascida da alma profunda, ignota e mirífica, doce e amarga, suave e misteriosa. (CALVACANTI, 1964, p.206).

Mais tarde ele próprio revelaria que nas Apoteoses há “um moço deslumbrado pela Natureza e pela Vida. Por isso, que é um livro de entusiasmos, é um livro de exagerações”.

Poesia é realmente introspecção. Neste particular Hermes Fontes atingiu o máximo. Erraria, pois, como tantos erraram, quem fundasse a sua poesia na lógica de uma linguagem, cuja principal característica é ser ilógica. Ilógica, arbitrária, incomum, linguagem cifrada, ainda que gramaticalmente ordenada.

A pobreza de Hermes Fontes era franciscana, ele menino, só dispunha de um sapato. Calçava-o e se fingia doente do outro pé. Era exatamente por essa época, que ele escrevia a tardão, nas pedras da rua, os seus primeiros versos à maneira de Anchieta. Aliás, não somente versos, mas também desenhos, ele os gravava no chão do Boquim de sua infância.

O amor seria, com efeito, uma atração sideral da alma do poeta. Amor e sofrimento. A poesia de Hermes gravita em torno desses temas. Em busca do Amor ele somente encontrou minúsculos amores. O sofrimento, sim, foi-lhe fiel até ao malogrado término de sua vida.

Hermes passou por profundas decepções com relação aos efeitos perversos de sua fama: um grande número de falsos amigos e bajuladores atormentavam sua vida em sociedade de tal forma que ele resolve evadir-se da convivência social e se isola completamente. Esse

processo de ensimesmamento, que terá um trágico desfecho, norteará o tom de suas melhores obras.

Sentido-se traído pelos amigos de circunstância, sentido-se vítima de invejosos, Hermes trará para seus poemas a nota de melancolia que caracteriza a produção poética dos simbolistas-penumbristas.

Em 1913, Hermes publica *Gênese*, essa obra reforça o prestígio literário do autor. É bem acolhida pela crítica, mas sem causar o rebuliço do livro anterior. O poeta se apresenta mais equilibrado e amadurecido.

O fenômeno Hermes Fontes caracteriza-se na *Gênese* pela duplicidade do seu ser: um arrebatado diante da Natureza: um aflito diante dos problemas da alma.

Em 1914, surge *Mundo em Chamas*, é um conjunto de poemas que tratam das grandes potências envolvidas na primeira grande guerra mundial.

Miragem do Deserto é publicado em 1917. Aqui o poeta reencontra uma das suas características poéticas abandonada em suas últimas obras: o lirismo intimista.

Os poemas da *Miragem do Deserto* ardem, todos eles, de sentimento. Foi nessa obra que ele fez questão de revelar que os seus livros de versos são verdadeiros capítulos da história de sua alma. Foi ainda aí que Hermes se confessou um forte da tristeza de andar cantando.

Em alguns versos, Hermes é um revoltado. Mas confia no imponderável do futuro. No curso da sua vida, não foram poucas às vezes em que ele sentiu necessidade de exprimir a sua condenação em face das desigualdades e das injustiças sociais.

Era ainda muito cedo, entretanto, para matar no coração aquele sentimento dominador. Nem ele teria forças para sequer reprimí-lo. Na sua alma, sedenta de felicidade germinava a semente da Esperança.

Ainda em 1917, vem a público *Epopéia da Vida*, em que o poeta canta a luta do homem em seu percurso civilizatório. Revela as profundas contradições do ser humano e do seu agir em diferentes épocas históricas. A temática é, portanto, grandiosa, universal, mas Hermes Fontes se mostra melhor poeta quando fala de amor e das desilusões pessoais.

Em 1922, aparece uma das suas melhores obras: *A Lâmpada Velada*. Nela o poeta se desembaraça definitivamente das preocupações formais e da retórica que lhe granjearam a fama e o sucesso no início de sua carreira. Na maioria dos poemas, a linguagem poética atinge a simplicidade e uma espontaneidade que revelam, de um lado, um ser despojado de todos os sonhos e de todas as perspectivas de vida; e de outro a culminância estética a que atinge o poeta ao se desvencilhar das heranças retóricas de poetas do final do século XIX. O livro se compõe de quatro partes: *A Lâmpada Velada*, *Flora-Murcha*, *A Odisséia* e *Sombra de Espinhos*. Os poemas foram escritos em épocas diversas. Parece que Hermes os guardou, selecionando-os pela temática derrotista, para publicá-los em momento de trágica decisão existencial.

A Lâmpada Velada, naquele turbulento ano de 1922, se não era um livro também revolucionário, era uma expressão diferente da poesia corrente. Era um livro contra os desenganos e a mentira, um livro de melancolia, mas, igualmente um livro de arte, um livro de versos dos quais o poeta tirava efeitos magníficos, sem cair no lugar comum, no convencionalismo das formas batidas. Era gracioso, sem ser corriqueiro; filosófico, sem ser enfático. *A Lâmpada Velada* não lembra nenhuma poesia nacional ou estrangeira. Todo o livro tem um recheio de sentimento contagiante e sua linguagem é a de um descobridor de símbolos e de metáforas, de um alquimista de sons, de um mágico de cores.

Mas, ainda em 1922, Hermes lança novo livro, *Despertar*, com um subtítulo: *Canto Brasileiro*. Nesta obra Hermes demonstra toda sua admiração a sua terra natal, a começar pela dedicatória do livro que a seguinte: “A Sergipe, terra do meu berço e berço do meu pai e em

cuja entranha dorme sono eterno minha mãe, que lá tem berço e túmulo.” Estas palavras condensam amor, e só puro amor desinteressado e filial à terra natal e aos genitores, que lá viveram e morreram.

Impõe-se aqui considerar que Sergipe não correspondeu a esse amor como deveria. A culpa não se atribui a seu povo, mas das suas elites. E, como no interior brasileiro, elite é sinônimo dos que detêm o poder, e o poder é, via de regra, político, a culpa teria sido dos políticos.

Em 1930, Hermes publica a sua última obra *A Fonte da Mata*, homenagem derradeira à sua terra natal, Boquim, onde se situa a referida fonte, hoje transformada em um aprazível balneário. Quem lê os poemas desse livro fica com nítida impressão de que o poeta está se despedindo da vida e de que ele já havia tomado a trágica decisão de suicidar-se. Em muitos poemas, encontra-se uma linguagem semelhante à de alguns modernistas, mas conserva sempre um tom penumbriado. Vale ressaltar que Hermes Fontes, exilado da conturbada vida literária dos anos 20, mergulhado que estava em sua tragédia interior, ignorou o movimento modernista e foi ignorado por ele.

A Fonte da Mata é, sobretudo, aquela criação de reencontro da alma do homem que, depois do deslumbramento, se achou só no mundo. É um evangelho de paz, serenidade; é o livro de quem se confessa vencido, mas na sua humildade não tem uma palavra de ódio contra ninguém.

A Fonte da Mata é coletânea do mais alto lirismo da poesia brasileira. Seus versos têm a ternura misturada de sofrimento de um amoroso desenganado. Têm a filosofia, entretanto, de quem aprendeu a viver com os olhos pregados na distância e, um dia, precisou abaixá-los até o chão, surpreendendo-se com a humildade das coisas. Foi o bastante para recolher a lição da vida e transsubstanciá-la em poemas.

Com a Fonte da Mata, Hermes atingiu a culminância da serenidade e da compunção. Toda uma vida de sofrimento teve o seu remate nesse poema, que espalhou em derredor uma claridade diferente. Com efeito, a sua iluminação tem qualquer coisa de chama votiva. Infelizmente as circunstâncias não permitiram que esse livro fosse difundido no país, como merecia.

Foi contraditório, enigmático, insofrido. O diploma de bacharel na velha Faculdade Nacional de Direito, aos 29 de dezembro de 1911, não lhe deu maiores vantagens. Era mais um advogado, que não exercia a profissão, pois, ocupar um lugar em repartição pública e fazer versos nunca foram atividades de um causídico. Mas se essa era a realidade de sua vida, o seu prosaísmo diluía-se na festa de sons e cores da sua imaginação, que era um luzeiro a arder, dia e noite, com rutilâncias estelares.

Por esse tempo, todavia, um órgão naquele organismo tão franzino exercia um papel predominante: o coração.

Aliás, esse ditador empolgo-o a vida inteira e ainda nas vésperas da sua morte, embora já traído e malgrado, foi a presença mais atuante na sua tragédia.

De 1913 a 1919 Hermes Fontes experimentou mais perdidamente a sua poderosa e frustrada capacidade de amar. A Gênese e o Ciclo da Perfeição não anteciparam, realmente, o que seria a sua vida sentimental.

Em 1918, por ocasião da publicação do livro *Microcosmo*, que faz elogio aos insetos e as flores, Hermes Fontes escrevia em nota final o seguinte: “A coletânea presente constitui um livrinho à parte da bibliografia do autor”. De fato, quem houver lido os seus livros – e, principalmente, as *Apoteoses*, a *Gênese* e a *Epopéia da Vida* – terá facilmente verificado que, são livros de grandes intenções e perspectivas amplas, voltadas para o mundo cósmico, em conjunto, e para os mundos da alma, em síntese. Houve mesmo um crítico, e dos mais

eminentes, que, comentando a Epopéia da Vida e a Miragem do Deserto, afirmou que as Apoteoses representam “a fase astronômica” do poeta. Posto que não lograsse compreender bem a intenção dessa descoberta, não foi difícil ao autor encontrar alguma relação de fato. Assim, em Apoteoses e Gênese se canta mais largamente a vida cósmica; e na Miragem detidamente a vida íntima da alma.

Analisando tematicamente os textos do poeta, é possível encontrar um complexo temático cujo eixo é constituído pela oposição vida x morte que, ao longo dos poemas, vai-se estabelecendo como uma igualdade. Vida e morte deixam de opor-se para equivaler-se. Dizer isso é constatar, já de imediato, a presença de uma concepção poética em que vida se define como morte. Da idéia de existência como exílio contraditório desenvolve-se a igualdade: vida = morte. Viver é pesadelo atroz cuja essência é o próprio fim. Torna-se impossível dissociar o par temático: ao falar de vida o poeta já está pressupondo o fim até porque viver é seguir o mortal percurso.

O que possibilita o discurso do poeta é esse confronto desarmônico entre o eu lírico e a realidade. A palavra poética abarca a sensação de inutilidade da vida diante da qual nada parece restar só a morte. Acompanhada do adjetivo funesta, a vida definida por Hermes Fontes é o espaço da desagregação do ser, tem o sabor da existência em que os pesares apenas se alteram.

Para o poeta, a existência congrega o bem e o mal, o pecado e a virtude e é definida como “injustiça sistemática”, que só a morte redime.

Vem a certeza do esvaecimento das coisas. Para ele tudo falhou, gerando a desarmonia, a certeza de que é impossível alterar a legenda existencial assim traduzida: “Crês que levas a vida, é a vida que te leva”.

Na sua última obra Fonte da Mata, o discurso afirma que a vida é “sobra profunda de outra vida” / “minha vida é esta sombra erma e augural”. De tal forma vida e morte se

tocam que é possível depreender uma visão de mundo em que se a existência é tão somente a sombra, a morte é que é real e vai, por isso, corroendo os dias. Por ser tão real a morte se estabelece poeticamente como a certeza. Por isso o poeta a deseja, quer, tem pressa e suplica.

Na vida pessoal, Hermes Fontes suicidou-se. Em um movimento similar, o poeta aproxima o discurso da idéia de morte transformando-o numa grande súplica, um pedido contundente daquele que vive em busca do fim. O discurso se transforma na busca ontológica da redenção, desejo expresso pela linguagem do sofrimento.

Sua linguagem era, com efeito, lírica, mas a fotomontagem da sua poesia dominava os mais sedutores símbolos filosóficos.

A esse propósito, é oportuno contraditar uma crítica ao poeta Hermes Fontes, de quem ainda hoje se diz, por trás de suspeitos biombos literários, que não fazia poesia, mas, apenas, “filosofismos”.

A filosofia de Hermes, celebrada principalmente por João Ribeiro, não é a filosofia de sistemas ou escolas. É a da superior intuição da inteligência aplicada às coisas do nosso convívio humano. É a da previsão, da antecipação, da profecia dos eventos espirituais, que ocupam uma zona neutra entre a teoria e a experiência. É a filosofia de um grave entendimento no disfarce de uma suave problemática da alma. A filosofia de Hermes é a de um poeta que ama a vida e procura surpreendê-la em seus sortilégios, na atividade de suas relações como o mundo interior; é a filosofia de um feiticeiro da poesia, cujas artes envolvem tantas complicações do sentimento, da vivência, do mundo de correspondência entre o ser e o não-ser, entre o princípio e o fim, entre o amor e as fontes do amor, entre a natureza e o espírito, entre o criador e a criatura.

Perdido o apego ao mundo e perdida à alegria de viver resta o ceticismo, a dúvida mortal e total em relação ao mundo e seus personagens.

Objeto do desejo poético, o amor poderia ter trazido a redenção do sofrimento ontológico, mas, ao contrário, situa-se no conjunto temático Dor é o que predomina, é a solidão, apesar de todas as súplicas do eu lírico ao tu por ele desejado. O discurso de Hermes Fontes contém a busca alucinada em direção ao tu, mas o silêncio é a resposta, o que permite a auto definição discursiva como “sem ninho”, “órfão de fé e carinho” e “cão enfeitado e erradio”. Nesse sentido, o anseio de amar existe e é proclamado, fazendo do discurso poético o lugar da emoção.

Nota-se que o sofrimento de Hermes existia em função da sua solidão. Não era um estado de alma fictício, puramente poético ou intelectual; existia, verdadeiramente. E somente quando aquele sofrimento passou a ter causas materiais, adjetivas, imediatas, quando derivou dos fatos e não, apenas, de sensações foi que a resistência moral do poeta começou a baquear. Essa, a sua experiência mais comovente e fatal.

Hermes era, com efeito, um tipo diferente. Oliveira e Silva no excelente estudo com que apresentou o volume das suas poesias escolhidas, assim o retrata:

A grande cabeça inquieta plantada num tórax de criança. Corpo minúsculo. Astutamente deformadora, a natureza imprime-lhe, ao físico, um toque quase grotesco a fim de exagerar-lhe os tormentos da sensibilidade. Nas órbitas fundas os olhos miúdos e penetrantes. Fronte vasta e nobre, com entradas, denunciando o artista, a força interior, o exercício contínuo do pensamento. Um sorriso sempre ilumina, amacia a máscara que, fechada, revelaria, nas linhas rígidas, os sonhos que o cansaço moral acumula a melancolia irremediável do conflito do espírito com a vida, essa incompatibilização que o tempo agrava, entre o criador e o mundo e sua máquina. (CAVALCANTI, 1964, p.81).

Era sem dúvida um homem feio. Vale a pena, entretanto, refletir que a ausência de beleza não atinge a inteligência.

Contrariando as opiniões gerais, entendo que Hermes Fontes superou tais complexos e valorizou o seu físico num sentido de interiorização psíquica. Ele tinha a propósito das pessoas, mesmo das bonitas, conceitos muito próprios.

Um aspecto da obra poética de Hermes Fontes que merece destaque é o do aproveitamento de poemas seus em composições musicais, como Luar de Paquetá e A Beira Mar, parecia com Freire Pinto, que fizeram sucesso regravadas por Orlando Silva e Carlos Galhardo, e ainda hoje são das mais belas modinhas brasileiras, de todos os tempos.

A colaboração jornalística do poeta, que foi além dos textos, ainda não mereceu pesquisa definitiva e reunião para publicação.

A razão da tristeza era puramente sentimental. Não era o fato de ser pobre, nem o de não ter uma situação social ou política que o afrontava.

Além da poesia, era preciso encontrar alguma coisa de material, que o prendesse a terra e aos homens. Foi assim que se engajou na campanha civilista em 1909 defendendo a bandeira desfraldada por Rui Barbosa. Mas o que empolgou não foi à política em si mesma; foi à beleza do idealismo da pregação de Rui. Em vez de um militante partidário, Hermes Fontes continuava a ser um afilhado de Apolo.

Nem por isso deixou de prestar à causa civilista o desinteressado concurso de seu talento. Ganhou popularidade a seção humorística que manteve no Diário de Notícias. Na “Corda Bamba”, dançaram os figurões do entremez político. Rui Barbosa deu à colaboração de Hermes, “grande poeta”, no seu conceito, o testemunho do devido reconhecimento.

A trajetória poética de Hermes Fontes, desde Apoteoses, 1908, até Fonte da Mata, 1930, consagra sua vida intelectual, adornada pela crítica ampla que fez da vida brasileira, em artigos, ensaios e colunas nas principais revistas e nos grandes jornais de sua época. E ainda pelo traço bem humorado da caricatura. Hermes foi então um artista completo, que conquistou o público, mereceu opinião favorável dos críticos e do reconhecimento pleno de sua intensa atividade intelectual.

Hermes Fontes é um daqueles sergipanos emigrados, construindo uma biografia de êxitos literários, ainda que vivesse uma quadra de profundas mudanças estéticas. O

Modernismo de 1922 traçou nova ordem para a poesia, renovando os modos das composições poéticas. Hermes Fontes estava no itinerário de transição e não acompanhou a rapidez que os adeptos do Futurismo imprimiram. Em certa medida Hermes é um retardatário, muito embora sua obra seja de boa qualidade, nela estejam os fundamentos da arte poética e tenha sido publicada, em grande parte, antes da Semana de Arte Moderna.

Os anos de 1920 foram particularmente difíceis. As decepções amorosas e as traições contribuíram para que o poeta procurasse o isolamento, a reclusão. Não valeram os estímulos dos amigos e dos admiradores. Desmotivado, assistindo a renovação da poesia brasileira com a geração de Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Cassiano Ricardo, Menotti Del Pichia, Oswald de Andrade e outros. Hermes Fontes recolhera-se, em definitivo, saindo da cena cultural brasileira.

Em 25 de dezembro de 1930, aos 42 anos, Hermes Fontes deu fim à própria vida, amargurado e infeliz, no Rio de Janeiro. Seus admiradores lideraram um movimento junto às autoridades e conseguiram erguer uma herma de homenagens ao poeta, em pleno Passeio Público, no centro da cidade do Rio de Janeiro. Recentemente, com a reforma do logradouro, a estátua do poeta foi retirada, gerando alguns poucos protestos.

Humberto de Campos, no seu terrível Diário Secreto, dá assim a versão da partida de Hermes para o Rio de Janeiro, ouvida de Laudelino Freire, na Academia, logo após a morte do poeta Hermes Fontes:

Eu era deputado estadual em Sergipe, conta Laudelino, e um dos sete representantes da oposição, quando notei que, todos os dias, aparecia nas galerias da Assembléia um meninote, que acompanhava com grande interesse os debates. Um dia, trouxeram-no à minha presença, como um menino prodígio. E eu verifiquei que se tratava realmente do portador de uma memória assombrosa, pois que o pequeno sabia de cor discursos inteiros de Ruy Barbosa, e até alguns meus, proferidos na Assembléia. Esse menino era o Hermes Fontes, o Hermezinho, como era conhecido em Aracaju. Morando com o cunhado, o pequeno não podia ser aproveitado como convinha. Foi, então, quando lembrei-me de oferecer-me para trazê-lo para o Rio, afim de interná-lo no colégio militar de que eu já era professor. Esse meu oferecimento de opositor meteu em brios o Martinho Garcez. “Não senhor, declarou ele. Quem toma conta do menino sou eu!”; “Mais tarde num encontro que tivemos conversamos sobre o menino, ficando combinado que ele traria o Hermes para o

Rio, tomando-o sob sua proteção. Embarcamos no mesmo vapor, o Martinho com o pequeno”. (CALVACANTI, 1964, p.21).

Destino de Hermes foi, portanto, o Rio, onde chegou no dia 19 de julho de 1898. Que destino, entretanto, se ocultava no futuro do menino de Boquim? Mais tarde ele próprio diria que veio “comercializar ilusões”.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Leodegário Filho. **Hermes Fontes e a crítica**. Rio de Janeiro: Diário de Notícias, 1963.

BARRETO, Lima. Um poeta e uma poetisa. In: _____. **Impressões de leitura: crítica**. Pref. M. Cavalcanti Proença. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1961.

CAVALCANTI, Povina. **Hermes Fontes: Vida e Poesia**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964.

FONTES, Hermes. **Apoteoses**. Rio de Janeiro: Tipografia da Papelaria Brasil, 1908.

FONTES, Hermes. **Lâmpada Velada**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1922.

FONTES, Hermes. **A Fonte da Mata**. Rio de Janeiro: Papelaria Brasil, 1930.

MURICY, Andrade. Hermes Fontes. In: _____. **Panorama do movimento simbolista brasileiro**. 2.ed. Brasília: INL, 1973.

OLIVEIRA, Sívio Luiz. **Tratado de Metodologia Científica: Projetos de Pesquisa, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses**. São Paulo: Pioneira, 1998.

RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. Hermes Fontes. In: _____. **Poesia simbolista: antologia**. São Paulo: Melhoramentos, 1965.

Hermes Fontes Poeta a Fonte da Mata. Disponível em www.infonet.com.br. Acesso em: 20/04/2005.